

MEGAN SHEPHERD

O MISTÉRIO dos
CAVALOS ALADOS

TRADUÇÃO Lavínia Fávero

TÍTULO ORIGINAL *The Secret Horses of Briar Hill*

© 2016 by Megan Shepherd. Publicado mediante acordo com Sandra Bruna Agência Literaria, SL, representante da Adams Literary.
Todos os direitos reservados.

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Carla Bitelli

REVISÃO Vanessa Gonçalves

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Juliana Pellegrini

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2016 by Daniel Burgess

CAPA Kate Gartner

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shepherd, Megan

O mistério dos cavalos alados / Megan Shepherd;

tradução: Lavinia Fávero. – São Paulo: Plataforma21, 2017.

Título original: *The Secret Horses of Briar Hill*.

ISBN 978-85-92783-14-3

1. Ficção juvenil I. Título.

17-01108

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

1

Tenho um segredo.

Não vou contar para o Benny nem para os outros meninos. Eles parecem aqueles cachorros que andam pela noite, rosnando para tudo, perseguindo os gatos nas estradas de terra só pelo gosto de vê-los correr. Também não vou contar para a Anna, apesar de ela ser gentil comigo e me emprestar seus lápis de cor, até o turquesa, que é sua cor preferida, porque lhe faz lembrar o mar que fica perto da sua casa. A irmã Constance fala que a Anna pode morrer logo e que eu devo “tomar cuidado” e “fazer silêncio” quando estiver perto dela. Quando estou com a Anna, tenho que pisar em ovos, tenho que fingir que está tudo bem, tenho que esconder meus segredos.

Mas vou contar para você.

Este é o meu segredo: existem cavalos alados vivendo nos espelhos do Hospital Briar Hill.

2

A Anna está dormindo de novo.

Deito aos pés da sua cama para não acordá-la e fico desenhando no verso dos panfletos que a irmã Constance deixa perto da lareira, em uma pilha, para o caseiro usar para pôr fogo na lenha que cortou. Tem um espelho dourado em cima da cômoda da Anna. Onde vejo meu eu refletido. Onde vejo a Anna refletida, roncando. O quarto refletido, com cobertores de lã pendurados na janela para bloquear a luz que vem do lado de fora, à noite. Parado perto da porta refletida, há um cavalo alado que não está no quarto da Anna. O cavalo refletido está fuçando na xícara de chá que a Anna deixou pela metade, na mesinha de cabeceira. Tem um focinho cinza-claro, pontilhado de gotas de chá, cascos prateados e asas brancas como a neve, que estão bem dobradas. É difícil capturar com um lápis os detalhes das orelhas dos cavalos, ao mesmo tempo arredondadas e pontudas.

O Benny aparece e debocha do meu desenho. Seu cabelo ruivo fininho, penteado para trás com uma mecha larga para baixo, bem no meio, e seus olhos aguçados e famintos me fazem lembrar os cachorros de caça ossudos, que estão sempre atrás de algo para comer.

– Cavalos não têm chifres – diz.

– São as orelhas dele.

– E também não têm asas.

Aperto o lápis com força.

– Alguns têm.

O Benny revira os olhos e diz:

– Claro, e o Brejo, na verdade, é um dragão, apesar de parecer um *collie* velho e pulguento.

A Anna acorda, pede para o Benny sair do quarto, e ele obedece porque ela é mais velha e pede com jeitinho.

– Venha cá, Emmaline – diz ela –, me mostre o seu desenho.

Quando subo na cama, ela enrola seu casaco em volta dos meus ombros e me dá um abraço apertado, tão carinhoso quanto os que eu recebia em casa.

– Que criaturas adoráveis – diz, ao inspecionar meu desenho.

– Você tem tanta imaginação.

A Anna me dá um sorriso efusivo, mas ela tem um cheiro azedo, parece leite que ficou fora da geladeira por tempo demais. Seu rosto está muito pálido, menos nos lugares onde está tão vermelho que parece queimado, apesar de ela não sair há semanas.

Olho para o espelho.

O cavalo alado se cansou do chá da Anna e está saindo do quarto refletido, batendo o traseiro pelo estreito corredor refletido. Cubro a boca para não dar risada. A Anna não consegue enxergar os cavalos alados nos espelhos.

Ninguém consegue... Só eu.

Ceguei a Briar Hill no final do verão. A irmã Constance me levou direto para a sua sala e tirou a etiqueta de identificação que estava presa no meu casaco. Enquanto ela fazia anotações no seu

livro, tentei arrumar meus tufos de cabelo olhando no espelho que fica acima da escrivaninha. Então, do nada, *completamente sem aviso*, um cavalo alado apareceu trotando pela porta refletida, exibido que só, empinando a cauda, como se estivesse procurando justamente pela sala da irmã Constance.

– Um cavalo! – gritei, apontando para o espelho. Ele ficou metendo o focinho na escrivaninha da irmã Constance. – Com asas! E está comendo a sua régua!

A irmã Constance me olhou de um jeito que parecia que eu tinha dito que o primeiro-ministro da Inglaterra, o Winston Churchill, estava de sombrinha em cima de um elefante cor-de-rosa, andando pela França ocupada pelos nazistas.

– Bem ali! – falei, apontando para o espelho de novo. – E agora pegou o seu lápis.

Ela olhou para o espelho.

Olhou para mim de novo.

E chamou o médico.

O dr. Turner veio e pôs a mão na minha testa, para ver se eu estava com febre, e os dois ficaram falando baixinho perto da janela enquanto eu batia com o dedo no espelho sem parar, como eu fazia com os peixes nos tanques da peixaria. O cavalo não se virou. Nem sequer olhou para mim. Só se encostou no quadro-negro e adormeceu. Do lado de fora da sala da irmã Constance, ouvi as outras crianças cochicharem sobre mim.

– Emmaline – pergunta a Anna. – Do que você está rindo?

Paro de olhar para o cavalo alado com chá no focinho. A Anna tosse, levando o lenço à boca. O meu pulmão também se irrita com alguma coisa, parada e turva como água do pântano. Lembro a expressão que

a mamãe fala quando papai caçoa de mim por ser taciturna. Ela levanta os olhos do livro com um sorriso e diz: “Deixe a menina em paz, Bill. As pessoas caladas são misteriosas. Águas paradas são águas profundas”.

E essa coisa... Esse líquido, essa doença... Não poderia ser mais profunda.

– Emmaline? – repete a Anna, apertando meu ombro.

– Nada.

A Anna me devolve o desenho. Com uma borracha grossa e cor-de-rosa, apago as orelhas que fiz errado.

– Você gosta mesmo de cavalos, não? – pergunta ela. Mesmo tossindo, sua voz é suave.

Sopro as aparas de borracha. Começo a desenhar as orelhas. O Benny é uma besta se acha que isso é um chifre.

– Nós tínhamos cavalos de carga na padaria – conto, adicionando um tufo de pelos saindo da orelha. – Um capão grande e duas éguas baías. O Gengibre, a Pimenta e a Noz-Moscada. Eram lindos. Tinham os pelos cor de areia e a crina castanha. Não atendiam quando os meninos da padaria chamavam, mas nunca fugiam de mim.

– Acho que os cavalos sabem muito sobre as pessoas – diz a Anna.

Olho para ela. Está com as sobrancelhas bem unidas. A irmã Constance faz essa mesma cara quando vai para a despensa conferir o estoque de latas de presunto empoeiradas. A cada semana que passa, seu número diminui.

– Você deve sentir muito a falta deles – completa a Anna, esticando o braço para pentear meu cabelo. – Aposto que, quando voltar para casa, os cavalos vão aparecer direto na porta do estábulo, pedindo maçãs. – Aí começa a tossir de novo, mas finge que

é só uma coceirinha na garganta e bebe um gole de chá frio. – Você vai poder contar para eles histórias desses cavalos alados que tem desenhado. Quem sabe, há muito tempo, eles foram primos.

Paro de desenhar.

A Anna está olhando para a janela, como se algo tivesse chamado a sua atenção. Quando o dr. Turner lhe disse que ela não podia mais sair da cama, as freiras prenderam uma pontinha do cobertor que fica pendurado na janela para que entrasse um pouco de ar fresco no quarto. Refletido no espelho de mão que fica na sua mesinha de cabeceira, vejo um leve movimento. Um cavalo alado está passando pelo mundo refletido lá fora. Só consigo ter um vislumbre na janela refletida. Ele abre as asas como se estivesse se espreguiçando depois de dormir a manhã inteira. A Anna olha para o espelho de repente. Suas sobranceiras continuam unidas, mas têm um ar mais curioso.

Será que ela viu?

Será que ela viu o cavalo alado?

Depois daquele primeiro dia na sala da irmã Constance, nunca mais falei em cavalos alados. A não ser em segredo, só um pouquinho, com a Anna. Todo mundo ri de mim pelas costas, mas a Anna jamais faria isso.

Por um momento, ela olha com atenção para o espelho, e acho que ela também pode ter visto o cavalo.

Mas aí a Anna solta um suspiro, arruma a presilha do cabelo e abre uma das muitas páginas com a ponta dobrada do seu *Guia da flora e da fauna do jovem naturalista*. Depois olha para cima e me dá um de seus sorrisos efusivos e delicados, típicos dela. Só que, desta vez, não consegue abafar a tosse com o lenço. A cama inteira sacode.

3

A irmã Constance inventou uma nova regra. Foi depois que o Benny encontrou uma das suas galinhas despedaçada, logo após o café da manhã. Ele entrou gritando na cozinha com a ave morta, mexendo suas asas mortas como se ela estivesse voando, sacudindo a cabeça sem vida, fazendo a irmã Mary Grace ir às lágrimas para o quartinho da despensa. A irmã Mary Grace é a mais nova das freiras, encarregada da cozinha e da limpeza. Não é muito mais velha do que a Anna, e a Anna também choraria se visse uma ave morta e ensanguentada. Aí a irmã Constance deu uma bronca no Benny e mandou o Thomas enterrar a galinha no canteiro que fica atrás do celeiro, tamborilando os dedos em uma lata de chá na hora do almoço para chamar a nossa atenção.

– As crianças não podem ir além do pátio das galinhas, por causa das raposas – disse.

Mas, depois do almoço, vou escondida ao pátio mesmo assim.

Quero ver o Thomas enterrando a galinha. As outras crianças têm medo dele, apesar de o caseiro só ter 20 anos... Mal virou adulto. O Benny diz que o Thomas é um monstro. Mas a irmã Constance diz que Deus só deu um braço ao Thomas por um bom motivo, e o motivo é para ele não precisar lutar contra os alemães como os demais jovens do povoado, para ele poder ficar aqui conosco, no

hospital, e cuidar das galinhas, das ovelhas e do canteiro de rabanetes, para termos vitaminas que nos fortalecem. Sei que a irmã Constance não pode mentir porque é freira. Mas, às vezes, também tenho medo do Thomas. E é por isso que me escondo atrás da pilha de lenha para vê-lo enterrar a galinha morta.

Estamos no começo de dezembro, e a terra está dura, congelada pelo frio. Deve ser difícil para o Thomas cavar com um braço só, mas ele dá um jeito. No lugar onde o outro braço deveria estar, só tem uma manga dobrada até o ombro e presa com um alfinete de segurança. O Thomas coloca a galinha morta no buraco. Quando acha que não tem ninguém olhando, alisa as penas da galinha, brancas, tão brancas, e eu fico imaginando se a sensação de seus dedos seria igual nos meus, se o Benny, a Anna e a irmã Constance teriam a mesma sensação ao tocar penas macias ou se é só nas minhas mãos que galinhas parecem quentes e vivas, como pedras deixadas ao sol. Então, o Thomas enterra a ave na terra vermelha, e a ave desaparece.

4

O dr. Turner vem todas as quartas-feiras para administrar nossos remédios no quartinho que já foi a despensa do mordomo.

– Conte-me como tem passado, Emmaline – diz, gentil.

O dr. Turner faz tudo com gentileza. Aquece o estetoscópio antes de pressioná-lo contra minha pele. Dá quadradinhos de chocolate quando a irmã Constance não está vendo. Pisca para mim sob suas sobrancelhas grisalhas e peludas como lagartas.

O dr. Turner é como o Thomas: lhe falta um pedaço. Só homens inteiros podem ir para a guerra lutar contra os alemães. Mas o que falta no dr. Turner não é um braço ou uma perna, nem mesmo um dedo. É um pedaço do seu coração. A filha e a esposa que ele perdeu em um bombardeio. Esse pedaço que lhe falta o faz tremer em dias de tempestade, e teve uma vez, quando relâmpagos caíram no telhado, que ele engatinhou para debaixo da mesa da cozinha e ficou fazendo um gemido estranho, como o de um cachorro, até as irmãs Constance e Mary Grace convencerem-no a sair para tomar um chá fraco. O suor empapava seu jaleco branco na região das axilas.

O dr. Turner põe a ponta do estetoscópio nas minhas costas e fica me ouvindo respirar. Nas paredes do quartinho, as prateleiras, que

costumavam ficar cheias de pratos finos, agora estão repletas de frascos de remédio, hastes de algodão com iodo e palitos abaixadores de língua.

– Você tem tomado seus remédios, Emmaline?

No espelho de corpo inteiro atrás do doutor, um cavalo alado coça a orelha na esquadria da janela.

– Sim, doutor.

Ele franze a testa, como se não acreditasse em mim, então pega um bloco de papel e um lápis, que passa na língua. Depois vira de costas, se encosta no armário para escrever. Faço uma careta para o cavalo, que continua coçando a orelha. Fico imaginando o que o animal vê quando olha para mim pelo espelho. Fico imaginando se o mundo refletido é diferente do nosso: se o frio também é frio lá, se o quente também é quente, se as régua da irmã Constance são mesmo tão gostosas quanto os cavalos fazem parecer.

O dr. Turner termina de escrever, dobra o papel ao meio e entrega para mim.

– Dê isto para a irmã Constance levar à farmácia, em Wick.

– Sim, doutor.

– E cole isto na porta do seu quarto. Percebi que o último que lhe dei caiu.

Então me entrega um papel azul. O doutor usa esses papéis para as irmãs saberem que tipo de tratamento precisaremos naquela semana. Os azuis são para os pacientes que estão bem a ponto de poderem sair e tomar ar fresco. Os amarelos são para aqueles que precisam limitar suas atividades ao lado de dentro do hospital. E os vermelhos são para os – o, porque só a Anna tem um – pacientes que estão doentes demais para sair da cama.

O médico vai saindo, distraído, e pigarreio alto para garantir que ele ouça. O doutor bate a mão no bolso do jaleco.

– Ah, já ia esquecendo – diz.

Então me entrega um chocolate embrulhado em papel alumínio, igual ao que os soldados recebem em suas rações.

– É o nosso segredinho, sim? – completa.

Dou um sorriso.

Sei guardar segredos muito bem. Não contei para ninguém que peguei o Jack fazendo xixi em um porco-espinho perto do celeiro de lenha, e ele me deixa brincar com o seu trenzinho a vapor, se eu ficar quieta.

Bom, agora você sabe. Mas você também guarda segredos bem. Tenho certeza.

O dr. Turner consulta sua lista e pede:

– Mande a Kitty vir para cá.

Saio da mesa de exames e espio a sala de aula da irmã Constance, que está ensinando as crianças pequenas a escrever, para avisar a Kitty que chegou sua vez. Depois ando pelo corredor. Como nós, as crianças maiores, só temos aula à tarde, tenho o tempo todo para mim, pelo menos por um breve intervalo. Os espelhos estão vazios, mas o chão treme, e fico imaginando se os cavalos alados estão andando por cima deles no seu mundo, atrás dos espelhos, ou se é só Thomas batendo na caldeira lá embaixo. Começo a pisar no ritmo do *tum-tum-tum* até chegar à escada estreita. Olho para trás, procurando um menino encenqueiro de cabelo ruivo repartido no meio. Nada. Subo a escada correndo, passo o andar dos quartos e vou para o sótão. Desembrulho o chocolate que o dr. Turner me deu e, bem quando ia mordê-lo, um rosto aparece no meio da sombra.

Dou um grito.

O Benny ri, daquele seu jeito estridente. O Jack aparece do outro lado das vigas, rindo muito, com as mãos ao lado do corpo, como se me dar um susto fosse tão engraçado que sua barriga dói.

– Vocês não podem subir aqui! – digo. – Vocês deveriam estar ajudando na cozinha até a hora da aula!

O Benny apoia a mão na beira da escada, se inclina na minha direção e responde:

– Isso também vale para você, pulga.

Passo a mão nos meus tufo de cabelo e digo:

– Eu *não* tenho pulgas.

O gibi do Popeye preferido do Benny está na escada, perto dos seus pés. Sinto um leve cheiro de fumaça. Não sei onde Benny e Jack arranjaram um cigarro. Nem o dr. Turner consegue encontrá-los à venda, lá em Wick.

Abaixo a mão, brava.

– A irmã Constance vai arrancar a pele de vocês quando eu contar que estavam fumando aqui em cima.

Os olhos do Benny ganham uma expressão sombria, e seu nariz fica ainda mais parecido com um focinho de cachorro. Começo a me encolher, três, cinco centímetros, mas aí ele olha para baixo e pega alguma coisa que estava ao lado do seu gibi.

– O que é isto? – pergunta.

Vejo o brilho de um papel prateado. *Meu chocolate!*

– Devolve!

O Benny o segura bem alto, sacudindo a cabeça, com os olhos brilhando.

– Por onde essa sua mão leve andou, pulga?

– Eu não roubei! Alguém me deu, mas não posso contar quem foi!

– Outro segredo? – debocha. – Você é péssima em guardar segredos.

– Não sou, não! – respondo, tentando pegar o chocolate.

– Devolve!

Mas os olhos dele estão pegando fogo. Chocolate significa a mesma coisa para ele do que para mim, do que para todos nós: uma pausa no pão seco e no feijão aguado. Uma doce lembrança, algo só para você, algo de antes da guerra.

De repente, o Benny me belisca bem abaixo da manga da minha blusa. Dou um grito, mas ele só torce minha pele ainda mais forte. Ele é magro para um menino de 13 anos, mas forte.

– Promete que não vai contar do cigarro para a irmã Constance.

– Ai!

– Fala!

– É meu! Devolve, senão vou contar!

Dá para sentir o Jack andando de um lado para o outro no topo da escada, como um cachorro louco. Estica a mão e belisca meu outro braço, depois dá uma risadinha abafada.

– Devolvo seu chocolate quando prometer que não vai contar – diz o Benny.

– Ai! Está bem.

Então me dá mais um beliscão forte e me solta. Vou para trás, passando a mão nas marcas vermelhas do meu braço. O Jack sorri, mostrando seus dentes amarelos, tão animado que começa a tossir e precisa dobrar o corpo.

Estico a mão.

O Benny só sorri, bem devagar.

Rasga o resto do papel e enfia o quadradinho na boca.

– Gué jogolade? – resmunga, com fios de baba marrom descendo pelo queixo.

Aí eu cresço, três, cinco centímetros, até ficar maior do que ele, de tanta raiva.

– Eu te odeio!

Dou um empurrão no Benny, mas ele dá risada, e desço a escada correndo. Passo pela antiga despensa do mordomo do dr. Turner, onde o Arthurzinho, que nunca fala nada, chora em silêncio por causa de uma injeção que está prestes a tomar, depois vou até a cozinha. A irmã Mary Grace está debruçada sobre uma panela de cobre, em cima do fogão. Olha para mim com uma expressão cansada que brilha por causa do vapor.

– Emmaline, pegue uma cebola na despensa para mim. Se você enfiar a mão bem no fundo, encontrará algumas que ainda estão boas, depois de tirar as primeiras camadas...

Empurro a porta dos fundos e vou correndo em direção ao pátio das galinhas. As crianças estão brincando de jogar rabanetes, tentando fazer malabarismos. Quando me dão as costas, viro no canto depressa e corro para o muro do jardim, por mais que seja contra as regras ir tão longe.

Não ligo para as regras.

Prefiro correr o risco de ser pega pelas raposas.